

CRISE NA AMERICA DO SUL: Rompimento de relações entre Brasil e Chile



OEA tenta manter a crise sob controle, embora especialistas opinem que “antes de esfriar, esse crise ainda pode esquentar...”

CHILE impõe barreiras a produtos brasileiros e venezuelanos

Como retaliação das medidas venezuelanas e pela posição brasileira, pró-argentina, o Chile decidiu impor barreiras comerciais que praticamente inviabilizam a compra de produtos brasileiros. A medida é relevante, pois uma eventual retaliação brasileira não teria um alcance tão eficiente como a decisão chilena, pela diferença de pauta industrial.

(Da redação) Na última semana a movimentação nas chancelarias de Brasil e Chile foi intensa. O motivo? A repercussão da atitude do governo venezuelano em fechar seu espaço aéreo aos vôos chilenos. Em resposta, o governo chileno declarou publicamente que não toleraria “tamanha ingerência daquela nação em assuntos que só dizem respeito ao povo chileno”, afirmou o presidente do Chile em entrevista a uma rádio de Santiago. No Brasil, após uma série de reuniões com o embaixador argentino, as declarações do Itamaraty, em apoio as reivindicações argentinas levaram o governo chileno a convocar de volta seu embaixador no Brasil.

AUMENTA A CRISE NA AMERICA DO SUL: Brasil fecha seu espaço aéreo e Chile mobiliza tropas no estreito de Drake

(Brasília). A tensão na América do Sul atingiu seu ponto mais crítico desde que Chile e Argentina iniciaram a disputa por campos petrolíferos em CHubut. O Brasil que até então vinha buscando mediar uma saída pacífica para o conflito de interesses, viu-se irreversivelmente lançado de sua posição de mediador para protagonista de uma situação que caminha cada vez mais para uma crise.

Após o Chile retirar seu embaixador no Brasil e declarar que não reconheceria o Brasil como mediador, nem mesmo que a ONU lhe nomeasse para tal função, o presidente brasileiro reuniu o conselho de segurança nacional e divulgou que estaria inclinado a considerar um pedido de sanções contra o Chile, junto a ONU e OEA. *“Não podemos tolerar que o governo chileno adote uma postura contrária a qualquer tipo de negociação. Deixar de lado um debate bilateral sobre o campo de chubut é reascender velhas desavenças que Chile e Argentina nutriram durante os anos sessenta e setenta, quando inclusive o Brasil posicionou-se ao lado do governo Pinochet!”* – comunicou à imprensa o Chanceler brasileiro em coletiva a imprensa. Questionado se o Brasil adotaria medidas como a da Venezuela em fechar o espaço aéreo a vôos chilenos, embora não tenha poupado críticas a Caracas, afirmou que *“nenhuma possibilidade ou ação está descartada. Se um bloqueio contra o Chile for necessário, assim o faremos, no intuito de evitar que este receba armas para instalar no cone sul uma nova guerra fria”*.

Poucas horas depois desta declaração, o governo brasileiro tornou pública a decisão de fechar nosso espaço aéreo a vôos oriundos do Chile, o que seria uma resposta ao deslocamento de tropas chilenas para a fronteira com a Argentina.

Chile reage: novas mobilizações das forças armadas agitam a região

(Santiago do Chile). Poucas horas após a declaração da chancelaria brasileira sobre a possibilidade de solicitar um embargo ao Chile, seu governo reagiu declarando estado de defesa nacional e colocando em alertas várias unidades militares situadas ao longo da fronteira com a Argentina. Nenhuma nota oficial ou comunicado foi emitido pelas autoridades, embora a mobilização de tropas seja visível em alguns locais. Nas ruas de Santiago vários estudantes tomados de um sentimento nacionalista saíram às ruas em apoio ao governo, enquanto nossos enviados em cidades próximas a fronteira o temor de um ataque argentino é visível.

Durante a noite as forças chilenas se mobilizaram em silêncio, porém foi pela manhã que o presidente, reunido em uma seção extraordinária no congresso declarou que em resposta ao ato do governo Brasileiro em fechar seu espaço aéreo a voos chilenos, a Armada chilena passará a patrulhar o estreito Drake, no extremo sul do continente com ordens para abordar e, se necessário afundar toda e qualquer embarcação de bandeira brasileira ou Argentina.



OEA não tem conseguido uma mediação em relação à crise.

Gazeta Independente:

Editores:

Marcelo Nichele
Anderson Salafia

Editores/ Redatores:

Anderson Salafia
Marcelo Nichele

Para mais informações
sobre a simulação Open
Drake, acesse:

www.redteam.com.br

Todas as imagens foram
retiradas do Google.

Bolívia e Peru apoiam posição Brasileira e Venezuelana

(Da redação) – Conforme esperado, o Peru e a Bolívia não apoiam o Chile nesse conflito (por hora) diplomático. Ambos os países estiveram em guerra com o Chile a dois séculos, com perda de território para os dois, no caso da Bolívia, com a perda do acesso ao mar. Embora a Bolívia não tenha forças armadas poderosas, elas tem sido modernizadas nos últimos anos e seriam uma ameaça ao Chile, caso façam parte de uma coalizão. Não há dúvidas que há motivação ao governo boliviano.

O Peru, embora conte com forças armadas relevantes, no cenário sul-americano, não tem mostrado tanto empenho em mobilizar suas forças armadas. No momento nenhum dos dois países impôs o fechamento do espaço aéreo aos voos chilenos, embora no caso da Bolívia, isso é pouco efetivo, com a proibição brasileira. Os peruanos tem sinalizado que aumentarão as taxas de sobrevoo do seu território, como medida para não incentivar novas rotas que eles não estão preparados para dar apoio.

Curiosamente, enquanto a crise se espalha entre diversos países da América do Sul, Chile e Argentina, apesar da mobilização de tropas, não tem acenado com retaliações comerciais entre os dois países.

Reação em Buenos Aires e Caracas

Em Caracas, o presidente não tardou a fazer mais um de seus longos discursos, conclamando o povo brasileiro à guerra contra os chilenos. Como apoio ao Brasil, comprometeu-se em impedir que qualquer navio chileno, ou que tenha como origem ou destino portos do Chile e que se encontrem no Caribe sejam apresados.

Já em Buenos Aires a situação é tensa. O governo declarou lei marcial nas províncias que fazem fronteira com o Chile e deu início a mobilização de suas forças militares, incluindo-se aí a Marinha, que mesmo conseguindo colocar em ação apenas um navio de patrulha, passou a realizar exercícios em seu litoral. Nas ruas, além de protestos contra o Chile, haviam algumas faixas relembrando a questão das ilhas Malvinas.

Inglaterra e Estados Unidos

Na Inglaterra a reação a escalada da crise foi imediata: uma pequena força tarefa está sendo preparada para proteger as Falklands. Segundo o comandante da força naval, o objetivo do grupo formado por dois destróieres e uma fragata será o de assegurar a livre navegação em águas internacionais e ainda, assegurar que a população residente nas Falklands e ilhas da região que fazem parte da comunidade britânica tenham a necessária paz para continuarem com sua vida, sem se preocuparem com a possibilidade de serem atacadas. Questionado por jornalistas se havia o temor de uma ação Argentina contra as ilhas Falklands, limitou-se a afirmar que “os argentinos sabem que qualquer atitude neste sentido será um grave erro”. Por fim, o governo Inglês emitiu nota de solidariedade ao Chile.

Já em Washington, a secretaria de estado se revelou preocupada com o desentendimento entre Brasil e Chile. Quando questionada se os EUA liberariam ao Chile mísseis AIM.120 para os caças Falcon Chilenos, limitou-se a afirmar que acredita em uma resolução pacífica para a crise.

MOBILIZAÇÃO DA MARINHA BRASILEIRA



A Marinha iniciou a mobilização de suas forças. Houve a convocação de marinheiros para guarnecerem todos os seus navios; treinando o reabastecimento em alto mar e o emprego de seus caças, alguns já modernizados pela Embraer. Esses treinamentos mostram a preocupação do Almirantado.

Embora o governo ainda não tenha emitido nenhuma informação oficial sobre qual a reação do Brasil as declarações chilenas, teve início ainda durante esta manhã intensa movimentação na base da Marinha, no Rio de Janeiro. Segundo informações não oficiais, pelo menos um submarino já teria deixado o porto, com destino ignorado e, até o final da tarde outros dois estariam em condições de fazê-lo. De uma lança na baía da Guanabara era visível o movimento de carregamento de duas fragatas e uma corveta, enquanto ao longo do dia o que mais se viu foram militares chegando à base. Nenhum oficial se pronunciou até o momento sobre o que estaria ocorrendo.

Buscando avaliar a situação atual, nossa redação obteve com exclusividade a análise de alguns especialistas em relações internacionais e material de defesa, que falaram sobre os prováveis desdobramentos desta crise, que divulgaremos nas próximas edições.

EXÉRCITO TAMBÉM MOBILIZA SEUS SOLDADOS



Sem alarde, o EB tem mobilizado suas tropas e os treinamentos ocorrem de forma constante e renovada. Além de treinamento da infantaria e cavalaria, também artilharia, tanto de campanha como antiaérea, tem sido exercitadas com maior frequência. Apuramos que foram liberadas ordens de compra de diversos produtos pelo Ministério da Defesa, mas principalmente de rações e de munições.

FAB MULTIPLICA SUAS HORAS DE VOO



A FAB, desde o início da crise, vem aumentando suas horas de voo, que estão muito acima do normalmente utilizadas. Operações de reconhecimento tático e ataque ao solo, pelos caças AMX e operações de superioridade aérea, dos caças F-5M, bem como operações de REVO – reabastecimento em voo - que tem sido executadas quase diariamente. Em contato com um alto oficial da FAB, ele simplesmente respondeu que a Força Aérea tem que estar pronta para tudo.

Mais detalhes em nossa próxima edição.